

nosso olhar pela profundidade do mundo, abrindo possibilidades inéditas, antes invisíveis aos olhos. Para o autor, o amor é uma resposta a este convite a ver segundo o outro, de avançar na profundidade do mundo, deixando-se conduzir pelo olhar desejanter do outro. Assim, se não há alternativa entre amor e desejo, é precisamente porque esse avançar não possui um ponto de chegada, mas é uma caminhada em direção a um ponto que recua à medida que avançamos: “o amor não descobre nada, o lugar que ele desvela é um não-lugar, ou antes o lugar de um enigma. É o desejo que vai decifrar esse enigma, penetrando nesse mundo para lhe conferir um rosto; mas esse rosto se turva na medida em que seus contornos se desenham, convocando assim e sem fim um desejo mais intenso” (p. 232).

Paula Galhardo

Investigadora da Universidade de São Paulo/FAPESP.

Email: paulagalhardocepil@gmail.com

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_54_11

Etienne Bimbenet, *Le complexe des trois singes. Essai sur l'animalité humaine*. Paris: Éditions du Seuil (Col. “L'ordre philosophique”), 2017, 350 pp.

Em *Le complexe des trois singes. Essai sur l'animalité humaine*, que acaba de sair na coleção *L'ordre philosophique*, Étienne Bimbenet regressa ao tema da animalidade, central nas suas últimas reflexões. Trata-se de uma instigante reflexão sobre um tema clássico da filosofia francesa do século XX, que o autor, leitor de Merleau-Ponty, Professor de filosofia na Universidade Bordeaux Montaigne, assume de forma original: será questão do clássico debate entre humanismo e anti-humanismo.

O autor destaca-se pelas suas publicações recentes (refira-se o título *Après Merleau-Ponty. Études sur la fécondité d'une pensée*, de 2011, importante título em que Bimbenet aborda a obra do fenomenólogo francês com o objetivo de mostrar que se trata de uma fonte filosófica ainda bastante fecunda), em que vem trabalhando a questão de nossa origem animal e a possibilidade de uma antropologia de um ponto de vista fenomenológico.

Em *Le complexe des trois singes. Essai sur l'animalité humaine*, Bimbenet aprofunda as análises iniciadas em *L'animal que je ne suis plus*. O livro questiona a situação atual em que se tornou trivial assumir que o homem, sendo um produto da evolução, pode ser separado do animal somente por uma diferença de grau. Este livro coloca em causa tal novo dogma, segundo o qual o humano, por força da sua origem animal, se definiria como um “animal humano”. De forma inteligente e com uma abordagem questionadora, o autor ataca o “zoocentrismo” que coloca sistematicamente “no centro da nossa humanidade, a animalidade”. No âmbito científico, por exemplo, sua crítica enfatiza os limites do zoocentrismo dominante, que se apoia na biologia, ao considerar os nossos 98% de genes comuns com chimpanzés, e negligencia as ciências humanas. Como se a linguística, a economia,

a história, etc. nada tivessem a dizer sobre as singularidades e peculiaridades dos “animais humanos”. Por outro lado, e fazendo jus ao caráter dialético do texto, o autor desarma, também, os que sugerem a existência de grandes diferenças entre nós e os animais. Segundo Bimbenet, é perfeitamente possível destacar o “próprio do homem” sem se tornar o executor dos outros seres vivos.

O título da obra refere-se ao famoso “não ouvir nada, não ver nada, não dizer nada”, atribuído a Confúcio e posteriormente representado, no Japão especialmente, por três macacos, respectivamente, com as mãos nos ouvidos, nos olhos e na boca. Para o zoocentrismo, de acordo com Bimbenet, trata-se de não ouvir nada das ciências humanas, de não dizer nada que possa prejudicar a vida animal, de não ver nada do que é estritamente humano. Isso não define uma sabedoria, mas uma dobra de pensamento. E abre uma tarefa intelectual. Não há dúvida que fomos animais, isso não é a questão. Mas o verdadeiro desafio é levar em consideração e explicar as nossas particularidades, medindo o quanto o universo em que vivemos – constituído por convenções, trabalho coletivo, palavras, escrita, valores compartilhados, crenças opostas etc. – é incompreensível a partir da animalidade e incompreensível sem ela. Entender como ocorreu a ruptura, sem restaurar mitos antigos, sem tratar animais como coisas, é a dificuldade. Etienne Bimbenet enfrenta-a, de forma coerente e convincente, na segunda parte deste ensaio.

O livro é um exercício filosófico em que o autor parte de um lugar comum: somos animais. Nossa fisiologia é a dos mamíferos. Nossa psicologia, a dos primatas. Nossa sociabilidade, nossa ética, nossa técnica, nossa comunicação são as dos grandes macacos – ampliados ou transformados, certamente, mas não separados. Mas será que partindo de tais constatações se segue apenas a afirmação de que cada característica do ser humano se deve entender, doravante, como uma extensão de um comportamento animal? Esta proximidade hoje é enfatizada em todos os lugares. E há evidência científica para isso: é impossível desde Darwin descartar a continuidade do animal com os humanos. Também é impossível, entre as evidências filosóficas desta vez, restaurar o dualismo da alma e do corpo, a superioridade radical do ser humano, sua posição central e dominadora. Mas será que o humano se pode reduzir às explicações da biologia? Em face de tal uniformidade, poderia argumentar-se que os animais seriam seres morais do mesmo modo que o homem; não haveria descontinuidade entre o mundo humano e o mundo animal. O livro em análise apresenta uma crítica fundamentada desses preconceitos, mostrando que, longe de estar ao serviço da causa animal, procura pensar com originalidade a relação entre homem e mundo. Para pensar a nossa própria animalidade, o autor estabelece um diálogo com as humanidades e as ciências da vida, mostrando a urgência de pensar a diferença antropológica (o que é próprio do homem) para pensar uma relação lúcida e justa entre homem e animal.

Antonio Balbino Marçal Lima

Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus/Brasil

abmlima@uesc.br

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_54_12